



05/28-05/221

Rev. bras. alerg. imunopatol.

Copyright © 2005 by ASBAI

EDITORIAIS

Asma e nível socioeconômico

Além dos fatores genéticos, fatores ambientais e sociais têm sido implicados, tanto no desenvolvimento quanto na exacerbação de várias doenças. A influência do ambiente social envolve os comportamentos, as crenças e a estrutura da unidade familiar, bem como, as da comunidade nas quais a família está inserida. Condições relacionadas ao nível sócioeconômico (NSE), sabidamente, relacionam-se com as diferenças observadas na frequência de problemas de saúde, entre diferentes classes sociais.

O *International Study of Asthma and Allergy in Childhood* (ISAAC) revelou que as prevalências de asma, rinite e eczema atópico variam de forma ampla e marcante ao redor do mundo. De maneira geral, a prevalência de asma é menor nos países em desenvolvimento e vem aumentando no chamado "mundo desenvolvido". Embora a influência dos fatores genéticos seja importante, não pode explicar esses aumentos nem a variação observada ao redor do mundo.

Uma vez que a asma é mais comum em nações ocidentais ou ocidentalizadas e prósperas o aumento de sua prevalência, nesses países, sugere que deva ser uma doença associada à riqueza. Nesse sentido, várias têm sido as tentativas de relacionar a prevalência da asma e de atopia ao NSE. Diferente da atopia, que aparentemente é mais comum em grupos de elevado NSE, as evidências de um padrão socioeconômico para a asma são conflitantes.

Alguns estudos têm demonstrado, tanto aumento quanto diminuição na prevalência da asma em grupos de elevado NSE, enquanto outros não encontraram qualquer relação entre essas variáveis. Alguns autores sugerem ainda, que o NSE deva influenciar mais a gravidade do que a prevalência da asma, tendo observado maior frequência de asma grave entre crianças de classes sociais mais baixas.

Neste número, publicamos o estudo de Borges e colaboradores que, empregando um instrumento padronizado e simples - o questionário escrito do ISAAC - além de demonstrarem as tendências da prevalência da asma e de sintomas relacionados em adolescentes do Distrito Federal, num período de seis anos, estudaram o possível papel do NSE nessas tendências. Em termos de saúde pública, a avaliação do ambiente social e de sua repercussão na prevalência da asma, mediante a quantificação de indicadores socioeconômicos é uma prática tradicional que possibilita a identificação de desigualdades aos quais os indivíduos de um determinado ambiente estão expostos, sempre com o propósito de desenvolver medidas preventivas para a melhora da saúde dos indivíduos.

Profa. Dra. Inês C Camelo-Nunes
Doutora em Medicina pela UNIFESP-EPM
Diretora de Publicações ASBAI

Asma na criança: além do tratamento farmacológico

Nos últimos anos muito se estuda sobre o aumento da prevalência das doenças alérgicas no mundo. A asma, como uma doença alérgica, cada vez mais tem sido encarada como uma síndrome. Os pacientes asmáticos manifestam fenótipos diversos e respostas diversas aos medicamentos. Estas características vêm sendo desvendadas pelos estudos de farmacogenética. Por apresentar etiologia multifatorial, a asma não consegue ser "resolvida" com a utilização de todo o arsenal terapêutico hoje disponível. Essas observações nos remetem a uma reflexão mais ampla de todo o processo da "doença", não se podendo excluir as repercussões causadas ao paciente por sua interação no mundo familiar e social.

O artigo apresentado neste número e intitulado "A asma infantil e o mundo social e familiar da criança" questiona o modelo da assistência à saúde centralizada apenas no indivíduo e focalizado nos sinais e sintomas físicos como indicadores do processo de saúde e doença.

A proposta é a de se encarar um doente crônico em um contexto complexo, levando-se em conta suas relações interpessoais do ponto de vista psicológico e social. Para que isso seja possível é necessário primeiramente a sensibilização dos profissionais de saúde envolvidos. Os profissionais, para que atuem de forma diferenciada junto ao paciente asmático, devem conhecer não apenas seus sintomas físicos como sua interação no núcleo familiar e social. Para que isso ocorra existe a necessidade de uma boa integração paciente-profissional(ais) de saúde-família. Não se admite nos dias atuais uma visão estreita a respeito da complexa dualidade saúde-doença. Ao médico cabe o papel de ouvinte, de educador e de aplicador de formas terapêuticas individualizadas e pertinentes. A terapêutica em questão não se restringe a compostos farmacológicos, o que igualaria os profissionais. Na realidade, o médico deverá aliar os conhecimentos técnicos cada vez mais baseados em evidências, a uma forma de arte que muito provavelmente será produto de vivência e de sabedoria.

Profa Dra M Cândida Rizzo